

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CCH
LICENCIATURA INTERSDISCIPLINAR EM ESTUDOS AFRICANOS E AFRO-
BRASILEIROS

JOSELINE CARVALHO FERNANDES

PONCIÁ VICÊNCIO: análise da personagem negra e seu papel na representação e
identidade da mulher negra no Brasil

São Luís
2022

JOSELINE CARVALHO FERNANDES

PONCIÁ VICÊNCIO: análise da personagem negra e seu papel na representação e identidade da mulher negra no Brasil

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros.

Orientadora: Prof^a Me. Claudimar Alves Durans.

São Luís
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos
pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carvalho Fernandes, Joseline.

PONCIÁ VICÊNCIO : análise da personagem negra e seu papel na
representação e identidade da mulher negro no Brasil / Joseline Carvalho
Fernandes. - 2022.

50 p.

Orientador(a): Claudimar Alves Durans.

Monografia (Graduação) - Curso de Estudos Africanos e Afro-
brasileiros, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Gênero. 2. Identidade. 3. Literatura afro-
brasileira. 4. Representatividade. I. Alves Durans., Claudimar.
II. Título.

JOSELINE CARVALHO FERNANDES

PONCIÁ VICÊNCIO: análise da personagem negra e seu papel na representação e identidade da mulher negra no Brasil

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me Claudimar Alves Durans (Orientadora)
Mestra em História
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Me. Luanda Martins Campos
Mestra em Gestão da Educação Básica
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Rosenverck Estrela Santos
Doutor em Políticas Públicas
Universidade Federal do Maranhão

Dedico ao Pai Celestial por ter-me permitido vencer esta etapa. E a minha família, pelo apoio e amor, em especial, minha irmã Joelma pelo incentivo e todo o suporte para eu pudesse desenvolver este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha infinita gratidão a Deus por ter me dado forças, saúde e perseverança, pois não foi fácil essa jornada.

A minha família, pelo carinho e incentivo, a(o)s amiga(o)s da minha turma de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, em especial a Márcia Cristina que sempre me mantinha informada de tudo e pelo carinho que tem por mim, a Cleonice Pinheiro e Yzabela Mascarenhas pelo companheirismo e força, e também as minhas gestoras e coordenadora do meu trabalho que sempre me compreenderam.

À Universidade Federal do Maranhão que me oportunizou novamente ampliar meus horizontes.

A(o)s professora(e)s que me proporcionaram não só meu crescimento acadêmico, mas também pessoal. Em especial, a professora Dr^a. Kátia Régis e professor Dr. Rosenverck pela maneira como conduzem suas aulas, e também a coordenação do curso.

À minha orientadora, professora Me. Claudimar Durans por ter me acolhido e contribuído grandemente com sua experiência para o meu aprendizado.

À Eliana da coordenação do curso, pois é muito humana, sempre me incentivava e, conseguia resolver tudo que precisei durante todo esse tempo de curso.

Enfim, a toda(os) que de uma maneira ou de outra colaboraram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito analisar a personagem da obra de literatura afro-brasileira escrita por Conceição Evaristo e intitulada como Ponciá Vicêncio, onde procurou-se identificar a representação e identidade e assim traçar um paralelo com a mulher negra no Brasil, buscando compreender a partir da história de Ponciá Vicêncio. Para trabalhar essas questões, inicialmente discutiu-se um pouco sobre o conceito de literatura afro-brasileira e a importância dela para a sociedade brasileira. Em seguida, foi apresentado um apanhado sobre a história da mulher negra no país, suas lutas e conquistas. Discorreu-se também sobre a vida, luta e êxito da intelectual negra brasileira que grafou a obra em questão. O estudo também destaca a relevância da política afirmativa que originou a Lei 10.639/03 da qual torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira que busca fazer o resgate, da luta e a valorização dos nossos ascendentes.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Gênero. Representação. Identidade.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the character in the work of Afro-Brazilian literature written by Conceição Evaristo and entitled *Ponciá Vicêncio*, where we tried to identify the representation and identity and thus draw a parallel with the black woman in Brazil, seeking to understand the story of *Ponciá Vicêncio*. To work on these issues, we first discussed the concept of Afro-Brazilian literature and its importance to the Brazilian society. Then, we presented an overview of the history of black women in Brazil, their struggles and achievements. It also discusses the life, struggle and success of the black Brazilian intellectual who wrote the work in question. The study also highlights the relevance of the affirmative policy that originated the Law 10.639/03 which makes mandatory the Teaching of Afro-Brazilian History and Culture that seeks to rescue the struggle and valorization of our ancestors.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Gender. Representation. Identity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....	10
3	A HISTORICIDADE DA MULHER NEGRA NO BRASIL: um apanhado.....	15
3.1	Conceição Evaristo: uma voz negra na literatura contemporânea	25
4	A MULHER NEGRA EM PONCIÁ VICÊNCIO: entre representação e identidade.....	28
4.1	Representação da mulher negra na sociedade brasileira	30
4.2	A identidade da mulher negra em Ponciá Vicêncio e sua relação com a mulher negra brasileira	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo visa apresentar uma análise da obra Ponciá Vicêncio de autoria de Conceição Evaristo. Saliento de antemão a escolha da referida obra deu-se em primeiro momento pela afinidade e interesse com o perfil de produção de Evaristo, alinhando ao que foi adquirido ao longo do curso de graduação da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão, referente ao conhecimento acerca da negritude que não se dissocia da história do Brasil, bem como a do seu povo.

Em nenhum momento, tal análise pretende esgotar a temática, nem tão pouco direcionar apenas um olhar em uma produção tão rica e passível de inúmeras interpretações.

Dessa forma, objetivou-se oferecer mais um olhar na perspectiva de relacionar a personagem em questão com a realidade das brasileiras negras que em algum ponto convergem suas histórias.

O trabalho justifica-se pela relevância de tratar a literatura com a temática negra e produzida pelo próprio negro a partir de sua visão e vivências reais e, desta forma, contribuir para uma maior vinculação de obras desse gênero disponibilizando o material e proporcionando de alguma maneira o seu acesso para o público interessado.

Para a construção deste estudo, realizou-se de maneira genérica um paralelo entre a vivência da personagem em questão com a realidade das mulheres negras da sociedade brasileira. Considerando em especial as questões referentes a representatividade e identidade que marcam as suas trajetórias.

É necessário destacar o perfil de Conceição Evaristo bem como de suas produções literárias e imensurável contribuição para a literatura afro-brasileira feminina. No caminhar da autora, podemos observar o interesse e o empenho desta em manter os holofotes direcionados a importância do negro e sua contribuição na construção social econômica e cultural, mesmo que para isto, tenha esbarrado em significativas barreiras até encontrar aceitação e visibilidade no campo literário. Possivelmente, por confundir-se com as personagens que cria e conhecer com propriedade suas lutas e a difícil caminhada do povo negro para obter respeito e conseguir viver com mais dignidade em uma sociedade considerada majoritariamente branca, ela traga tanta verdade a ponto de sensibilizar o leitor.

Evaristo, defende com tanta ênfase e legitimidade cada uma de suas obras que tanto somam em conhecimento, emoções e significados, tendo com isso, valor inestimável para a nossa história.

No romance escrito por Evaristo, pode-se notar o drama vivido pela personagem principal Ponciá Vicêncio, que transcorre desde as primeiras frases até o parágrafo final da obra.

Sendo Ponciá, descendente de um povo escravizado "acostumada" a dias difíceis, recursos limitados, luta constante por dias melhores e, um vislumbre ainda que remoto de uma liberdade pregada em teoria, mas sonhada e buscada laboriosamente para concretização na prática.

Rodeada de dificuldades de toda sorte, Ponciá Vicêncio traz a marca estigmatizada da raça, em especial, das negras que se fundem a realidade e a ficção, que, desde os primeiros passos da obra, fica claro o destino fatídico da personagem, não importando o caminho que escolhesse percorrer e o empenho que imprimisse para obter êxito, este jamais faria parte da trajetória dela,

Por muitos anos, Ponciá Vicêncio nutriu sonhos de ter uma vida melhor, longe da realidade vivenciada na terra dos negros e buscou oportunidades de reescrever a história longe dali, mas o destino e a bagagem que carregara não a permitiam que ela se desvinculasse por completo de suas origens. Embora, ciente dos fracassos do seu povo que faziam o caminho em direção à cidade, insistiu na ideia de buscar o novo e, assim transformar tanto sua vida quanto da sua família.

Marcada por perdas e desencontros a personagem acumula emoções que irão preenchê-la e torná-la vazia de si mesma quando o fio de esperança não mais existir. A morte do avô e do pai somam-se à frustração do desejo de ser mãe que esbarrou nas perdas dos seus setes filhos, e que enfraqueceu seu casamento, pois ela já não era a mesma de antes, sempre ficava alheia causando fúria em seu marido, onde chegou até a ser agredida por ele numa tentativa desesperada de regaste.

Além dos desencontros com a sua mãe e seu irmão quando ela regressou ao local onde nascera, se deparou com o nada, porque naquela casa só haviam lembranças do tempo que ali viveu, seu irmão Luandi, seguiu seus passos e foi em busca de uma vida melhor na cidade, enquanto sua mãe não vendo mais razão para continuar só, saiu em busca do reencontro com seus filhos, os únicos elos mais próximos que lhe restara, ainda que Ponciá tenha conseguido sobreviver por um

tempo no novo ambiente e se considerar vencedora, ao tentar levar sua família para viver junto de si. Ela se viu diante de um dilema que é a certeza de ter obtido sucesso e a solidão e a saudade que sentia dos seus, fazendo-a indagar a si mesma sobre se tivesse encontrado a mãe e o irmão, se ainda teria coragem de retornar à cidade.

Nas diversas nuances que o romance oferece entre o entrelace das histórias de todas as personagens, nossa protagonista carrega o retrato panorâmico de cada representação da luta negra. Dentre todas as idas e vindas, o sonhado reencontro acontece pelo fruto do trabalho que sempre desenvolveu com sua mãe desde da época da infância e continua viva a ponto de unir novamente o caminho dos três.

Nossa proposta de trabalho é analisar o livro Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo (2017), procurando compreender como a autora elabora a relação entre identidade e representação da mulher negra no romance, levando-se em consideração alguns aspectos da diáspora negro-africana e o contexto escravocrata e pós-abolição no Brasil,

O presente estudo encontra-se estruturado em três capítulos, tratando o primeiro da “Literatura Afro-Brasileira” e tem como proposta expor o conceito e a problemática que alguns autores têm sobre a nomenclatura bem como o motivo pelos quais ainda é pouco conhecida do grande público.

No segundo capítulo a abordagem vem em torno de “A historicidade da mulher negra no Brasil: um apanhado”, que versa sobre as verdades contidas nas batalhas e no progresso delas, desde figuras conhecidas passando pelo anonimato de todas as outras, mas não menos relevante dado o contexto aqui exposto. Assim, trazemos um subitem intitulado como, “Conceição Evaristo: uma voz negra na literatura contemporânea”, com o objetivo de dar o merecido enfoque a responsável, a figura emblemática e singular que é Conceição, com toda sua bagagem e riqueza humana, intelectual e cultural tão necessária a tudo que se refere a temática negra.

No último capítulo denominado de “A mulher negra em Ponciá Vicêncio: entre representação e identidade”, mas para fins didáticos é feita a divisão em subtítulos que contempla: “Representação da mulher negra na sociedade brasileira” e em “A identidade da mulher negra em Ponciá Vicêncio e sua relação com a mulher negra brasileira”, respectivamente. Utilizou-se para tal, a similaridade entre ficção e realidade das diversas Ponciás que habitam ou vivem em e entre nós.

Para sustentar e legitimar esta obra lançou-se mão da rica contribuição de teóricos como: Pereira (1995), Cuti (2010), Duarte (2007, 2011) e Evaristo (2009, 2017 e 2018), dentre outros.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

"Há o tema do negro e há a vida do negro...
Mas uma coisa é o negro-tema, outra o negro vida"
(Alberto Guerreiro Ramos)

Falar em literatura Afro-brasileira é complexo, pois nem todos os estudiosos concordam com essa nomenclatura quando aplicada a essa linha de literatura, pois de acordo com Fonseca (2002) e Duarte (2007) uma parcela de críticos e autores creem que *corpus* literário¹ deve ser o cerne dessa escrita, ou seja, uma literatura produzida a partir da subjetividade construída, na condição e vivência do ser negro inserido no território brasileiro. Entretanto, temos o outro lado, o daqueles que não aceitam a terminologia citada acima, pois para eles, escrever é algo comum a qualquer povo, raça ou etnia, portanto, é descabido essa adjetivação.

Para a autora Evaristo (2009), assim como para Cuti (2010) não é embaraçoso aceitar o termo discutido, onde este preserva a ideia de "literatura negro-brasileira". Pois este entende que, o termo soa como uma espécie de ferramenta na valoração do negro: "[é a literatura feita] na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil" (CUTI, 2010, p. 44). Porém, ressalta que não se pode generalizar que Literaturas Africanas tenham como propósito comum o combate ao racismo. Para tal pondera-se: "A palavra 'negro' lembra a existência daqueles que perderam a identidade original e construíram outra" (Ibidem. p.39); e nesse patamar está o fenômeno da diáspora africana².

Vale acrescentar que, Evaristo (2009) deixa expresso que além de considerar uma literatura afro-brasileira, evidencia autoras negras como integrantes dessa literatura.

¹ *Corpus* literário é um corpus paralelo composto de contos traduzidos do inglês, e seus respectivos originais, e de literatura brasileira vertida para idiomas estrangeiros.

² "Diáspora é uma palavra de origem grega que significa 'dispersão'. Designando de início, principalmente o movimento espontâneo dos judeus pelo mundo, hoje aplica-se também à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes. A Diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio escravo, ocasionou a dispersão de povos africanos tanto através do Atlântico quanto através do oceano Índico e do mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV – quando talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram levados, por traficantes europeus, principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a imigração, sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. O termo 'Diáspora' serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram." (LOPES, 2004, p.236)

Desse modo, será usado no transcorrer deste trabalho o termo afro-brasileira, pois é um conceito mais flexível, bem como as identidades culturais dos sujeitos após a diáspora, que estão no entremeio. É tal fenômeno da tradução que Stuart Hall (2006, p. 81- 82) esclarece se tratar de:

Conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas. A palavra “tradução”, observa Salman Rushdie, “vem, etimologicamente, do latim, significando “transferir”, “transportar entre fronteiras”. [...] Eles devem aprender a habitar, no mínimo duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas [...].

Todo o trajeto encarado pelas negras e negros ao longo dos anos foram sustentando e construindo uma identidade carregada de contribuições de toda ordem e que culminam em um roteiro que pode ser abordado e apresentado com distintos pontos de vistas, mas sempre mantendo a singularidade própria de sua ancestralidade.

O caminhar da cultura negra na literatura afro-brasileira de acordo com Pereira (1995), data do século XVIII, com autores importantes como: Joaquim Maria Machado de Assis, João da Cruz e Souza, Afonso Henriques de Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus.

Destaca-se também que a produção literária contemporânea se mostra muito rica de contribuições de escritores afrodescendentes. Conforme Duarte (2011), literatura afro-brasileira evidencia um conceito em construção, e segue alguns critérios que a diferenciam da produção literária brasileira, tratando-se de uma literatura específica. Tais critérios, são: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor. Ele também pontua que, a literatura afro-brasileira se mostra ímpar devido às suas especificidades, e apresenta critérios, procurando transmitir uma herança cultural que se difere da produção literária africana.

Na mesma linha de Duarte (2011), Bernd (1988) nos mostra o desabrochar e caminhar da literatura afro-brasileira.

Tendo sua gênese na rebelião, na insurgência contra a situação vigente, a literatura negra configura-se como uma forma privilegiada de autoconhecimento e de reconstrução de uma imagem positiva do negro. Nesta medida, o conceito de literatura negra emerge da própria característica dos signos: a de estarem em um permanente movimento de rotação, onde os signos que nos exilam podem vir a serem os mesmos que nos constituem na dimensão humana (BERND, 1988, p. 95).

Discutindo ainda sobre a nomenclatura adotada para escritos negros aqui no Brasil, Pereira (1995) recomenda que é necessário que se adote critério pluralista, isso contribui para que, os escritos sejam valorizados como literatura deixando o estereótipo, pois, o que se pode perceber pelo menos do começo das produções literárias relacionadas aos negros é uma censura prévia. Evaristo, levou

20 anos para publicar sua primeira obra intitulada de Becos da Memória, pois segundo ela, em entrevistas concedida a BBC Brasil “Eu mandei para várias editoras. O texto literário, no caso da autoria negra, carrega a nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita” (PORTAL GELEDÉS, 2018).

Corroborando com o Portal Geledés (2018), Pereira (1995) diz que a literatura em questão, foca buscar endossar os sujeitos marcados pelo processo de colonização. Mas isso era realmente complicado, uma vez que, inicialmente os autores com concepção europeia não tinham recursos para escrever ao não ser aquela herdada do colonizador. Então, este entrave, de algum modo, propiciou que a literatura feita pelo negro e na perspectiva do negro ganhasse forças, pois marcou fortemente a identidade que parecia ter sido consumida devido as imposições do colonizador. (PEREIRA,1995).

Nessa perspectiva, Pereira (1995) corrobora para a concepção de que a literatura afro-brasileira buscasse o reconhecimento da importância e da necessidade de se divulgar e debater a identidade étnico-cultural do negro, e a definição do termo literatura afro-brasileira. Partindo da necessidade de mudar essa tradição de apagamento dos negros a Literatura Afro-brasileira entra em cena. Vários autores nacionais inspiraram-se nos escritores norte-americanos da Harlem Renaissance da década de 1920, movimento que surgiu como uma explosão artística que unia tudo o que por tantos anos fora desvalorizado e reprimido na população negra, como sua cultura, arte e religião. Afinal, quando os negros

sequestrados da África chegavam aos Estados Unidos, todo seu passado e ancestralidade eram apagados [...] (ALVES, 2020).

Podendo ser percebido nos escritos do poeta Adão Ventura³, que escrevia textos surrealistas e após um intercâmbio feito nos Estados Unidos, passou a escrever poesia que denuncia o racismo e as injustiças sociais da população afrodescendente (VENTURA apud MORICONI, 2001, p. 275):

Negro forro
minha carta de alforria não
me deu fazendas, nem
dinheiro no banco, nem
bigodes retorcidos. Minha
carta de alforria costurou
meus passos aos
corredores da noite
minha pele.
(Adão Ventura)

Vários estudos sobre Literatura afro-brasileira buscam a consolidação de uma identidade negra brasileira. Esta visão é reducionista. Duarte (2011) chama atenção que as temáticas e a nomenclatura não podem configurar-se como uma camisa de força para o autor afrodescendente. A Literatura afro-brasileira relata a junção das vivências do mundo contemporâneo com uma memória conscientemente dupla.

No entanto, podemos notar que, em geral, pouco se conhece sobre a literatura de autora(e)s negra(o)s. A justificativa, segundo Duarte (2011) é a imposição colocada sobre a(o)s negra(o)s desde o período escravocrata que impossibilitou que desfrutasse do ócio criativo, assim, criou-se por meio de políticas de extermínio a cultura da negação dos direitos básicos, entre eles: o de saúde e educação e saúde, isso inviabilizou que ela(e)s pudessem contar sua própria história.

³Adão Ventura Ferreira dos Reis, nasceu em 1939 natural de Minas Gerais, descendente de escravizados teve sua trajetória pautada na literatura influenciada pelo movimento Harlem Renaissance. Deixou um rico acervo entre escritos e produção de poemas.

Como efeito, desse processo, grande parte das produções literárias são elaboradas pela ótica do branco, e isso fortalece o preconceito colocado sobre os não brancos, estereotipando-os e marginalizando-os.

Em um dos trabalhos de Regina Dalcastagnè (2011) intitulado como: A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004 ela nos apresenta uma visão de como se encontram distribuídos algumas categorias dentro do perfil do escritor brasileiro, que em resumo é homem branco, heterossexual, de classe média e do sudeste. Em meio a predominância branca na produção literária, os “não- brancos” representam apenas 2,4% das obras em questão.

No que se refere ao grau de escolaridade, a distribuição se dar da seguinte maneira: "superior (78,8%, contra apenas 7,3% de não-superior; os restantes não tiveram escolaridade identificada)", que de acordo Dalcastagnè (2011) a maior porcentagem aqui apresentada trata-se de pessoas que já fazem parte de outros grupos/ espaços privilegiados de produção de discurso.

De acordo com a autora, quando se trata de personagens negros, contabiliza-se apenas 7,9% e, deste total, são dados papéis de pouca ou nenhuma valorização social como escravizados (9,2%), empregados(as) domésticos(as) (12,2%) e foras da lei (20,4%), onde do total contabilizado, somente 5,8% são protagonistas e 2,7% narradores.

Para que essa situação seja revestida ou pelos menos seja minimizada, propõem-se que seja inserido no currículo escolar o estudo de obras com esse perfil e assim também possa inspirar novas histórias a partir da identificação com a literatura afro-brasileira.

3A HISTORICIDADE DA MULHER NEGRA NO BRASIL: um apanhado

Este apanhado histórico pretende relatar um pouco sobre a história e resistência da mulher negra no Brasil. Esta história se inicia com a chegada dessas mulheres por meio do tráfico negreiro, onde estas foram escravizadas e atuavam em diversos setores, como amas de leite, domésticas na casa grande e nas lavouras, moeda de troca e também eram submetidas a vários tipos de violência dentre elas, a sexual. Porém, elas não passavam por isso de forma passiva, procuravam resistir a essas agressões, algumas vezes, fugindo, outras não obedecendo as ordens recebidas.

Dentre as mulheres da resistência do princípio, destacaremos, Aqualtune que em Congo era uma princesa, que lutou contra Portugal na qual liderou um exército de 10 mil homens. Ela veio ao Brasil e continuou sua luta, sendo que, posteriormente, seus descendentes: Zumbi, Gana e Ganga Zumba, formaram o Quilombo dos Palmares (SANTOS, 2016).

Sua saída de cena não é algo bem conhecido pelos estudiosos, mas podemos dizer que sua atuação foi essencial para consolidar o retiro Quilombo dos Palmares, valiosíssimo para os escravos da época.

Dandara dos Palmares, assim como Aqualtune, grande guerreira e símbolo de liberdade, conduziu mulheres e homens em diversas batalhas contra ordens coloniais para garantir o bem-estar de Palmares. Ela, por muito tempo foi deixada à margem da historiografia e alguns historiadores também duvidam de sua existência e consecutiva atuação, mostrando que o sexismo anda tão vivo quanto suas crenças de negação.

Gonzalez e Hasenbalg (1982) denomina de subcidadania os ambientes destinados as negras e negros, gerando, deste modo, enormes exclusões sociais. Porém, mesmo nessa marginalização a mulher está mais negativada do que o homem.

Lopes (2004) defende que tudo isso não passa de um mito que foi agregado ao Quilombo em questão, onde Dandara foi uma personagem lendária. Deste modo, deixa de validar a mulher como ser transformador da realidade.

Assim, fica evidente que, desde a época do Brasil Colônia a luta e as mazelas sofridas pelas mulheres negras em todos os contextos, sejam eles de direitos a acesso escolar, direito a empregos dignos, respeito enquanto cidadãos ou

até figuras fundamentais para produções intelectuais da história e fortalecimento da nação, mostrando que nunca foi suficiente para preencher essas lacunas.

Silva (2000, p. 119-120) revela em seus estudos que somente os meninos iam a escola.

Nós abaixo assinados vendo que os meninos de cor preta pouco ou nenhum adiantamento obtém nas atuais aulas, instamos e pedimos ao ilustríssimo senhor Pretextato dos Passos e Silva, a fim de que o mesmo senhor se incumbisse de ensinar nossos filhos contentando-nos com que eles soubessem ler alguma coisa desembaraçado, escrever quanto se pudesse ler, fazer as quatro espécies de conta e alguma coisa de gramática.

Portanto, podemos perceber que as meninas e mulheres não poderiam ter acesso à educação e ficando assim limitadas as tarefas domésticas ou do campo.

Diante disso, muito tem se discutido sobre a importância de elucidar sobre a real importância da mulher enquanto sujeito pensante e parte integrante da ciência, da cultura, da política e das mais diversas áreas do conhecimento. Pois, de acordo com (GONZALEZ; HASEMBALG, 1982), a condição da mulher negra no imaginário social está restrita a trabalhos corporais/mecânicos e, deste modo, a descartar a capacidade intelectual da negra, objetificando-a dentro da consciência coletiva.

O ponto chave nessa questão é o racismo estrutural que reprime a atuação da mulher negra como produtora de saber e detentora de poder. Verifica-se que na literatura a abordagem referente ao racismo tem amplo destaque e é cada vez mais urgente que todos nos apropriemos não só do conceito, mas também dos estragos que essa prática deixa, seja ela de maneira escancarada ou velada.

Conforme (De Almeida apud Batista (2018,p.4) , o fato de negar o racismo e a evolução do conceito de democracia racial se aperfeiçoaram, trazendo o conceito de meritocracia como justificativa, no qual defende que os negros que se esforçarem poderão desfrutar de direitos iguais aos logrados pelos brancos. No entanto, este conceito, na prática, apenas favoreceu para a manutenção da desigualdade entre brancos e negros.

Passa da hora de termos na figura feminina negra, apenas os estereótipos de menosprezo e incapacidade intelectual e orientar os discursos e ações na direção da reparação histórica do gigantesco prejuízo às mulheres negras desta nação.

Revisando nossa história, é gritante o quão a mulher é marginalizada dentro de uma sociedade que herda um modelo patriarcal desprezível e, em se tratando do tom da pele negra, esse abismo é colossal. Todos esses reflexos negativos e esses prejuízos de longa data, só podem encontrar um caminho, para serem sanados, que é por meio da educação.

Conforme preconizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB (1996) as questões étnico-raciais são fundamentais na educação básica (BRASIL, 1996). Logo, quanto mais cedo se trabalhar a conscientização e informação relacionada a relevância da participação das negras na nossa história, mais cedo encurtaremos essa distância desonesta entre homens brancos e essa sociedade sexista e racista com raízes aprofundadas num interesse em manter apagado o brilho dessas heroínas negras e fortes, apesar de os esforços avassaladores para defender o contrário.

Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influiu e influi em minha subjetividade. (EVARISTO, 2009, p. 34.).

É, sobretudo válido salientar que, ainda que timidamente, tem-se buscado identificar a representatividade da mulher negra, suas contribuições intelectuais, conhecer quem são, dar voz e nomes a estas, mas que por conta dessa dívida histórica com essas personagens do nosso país, em especial, temos a quase total ausência delas, por terem tido direitos elementares negados como é o caso da educação formal desde os primeiros anos escolares.

Como retratado no trabalho de Pereira e Elias (2021), as mulheres negras na ciência carregam o peso da invisibilidade, que deixa de lado o mérito de grandes pesquisadoras, descobridoras e cientistas em detrimento do lado branco, em especial o masculino, por um passado tão presente que se funde ao pesar de uma caminhada cheia de obstáculos, propositalmente impostos para penalizar a cor da pele, tida como irrelevante desde sempre na nossa trajetória.

Apagar as marcas de quem tão dignamente contribui para o avanço da ciência e, conseqüentemente, do progresso tão almejado por todos, nos faz refletir sobre o quão difícil é ser uma cidadã negra que, apesar da época continua a ser tratada como no período colonial.

Os esforços têm se somado com o passar dos anos e, mesmo com políticas de acesso e permanência ao nível superior, vemos que ainda temos uma longa jornada até naturalizarmos a figura negra feminina como produtora de conhecimento, em especial, do saber científico.

Ainda citando Pereira e Elias (2021) em seu trabalho sobre “A invisibilidade da mulher negra na ciência: uma análise a partir de livros didáticos na ciência e biologia”, não foi encontrado nenhuma representatividade de mulheres negras na ciência, muito menos qualquer conteúdo que fizesse referência a elas, o que reforça que, durante muito tempo as mulheres não tiveram o direito de fazer parte do conhecimento científico e filosófico, nas últimas décadas, o número de mulheres cientistas vem aumentando, ainda que, a passos lentos e o reconhecimento destas, ainda está muito longe de ser aceito de maneira natural.

Dar voz e visibilidade as cientistas negras não é um favor, mas uma oportunidade de fazer as jovens verem-se representadas e inspiradas a seguir buscando e investindo em conhecimentos acadêmicos que agreguem valor a nossa sociedade. Ter livros didáticos produzidos por pesquisadoras negras é dar legitimidade a toda nossa história de lutas e conquistas de muitas vidas para outras infinitas quantidades de vidas.

O fazer ciência deve iniciar-se desde os anos da educação de base e seguir por toda caminhada dessas estudiosas.

No curso do processo de escolarização formal, voltado as mulheres negras, os entraves sempre foram substanciais que, para transpor essas barreiras, foi necessário criar políticas públicas que viessem propiciar tal acesso a essas mulheres. É relevante destacar que, tais políticas são frutos de movimentos sociais organizados e engajados para que possam, então, conquistar o devido e merecido espaço sem terem que mendigar para ocuparem os lugares aos quais almejam, e por fim, serem também e com toda propriedade e legitimidade formadoras de opinião dentro do contexto social.

Com a visível discrepância entre brancos e negros no quesito aquisição de conhecimentos, torna-se indispensável a elaboração e implementação de leis que amparem e reparem os danos históricos que se encarregaram de colocar sempre a margem o povo negro e sua rica cultura.

Conquista-se então, a duras penas o direito de ter um curso universitário que legitima os direitos e trata da história da negritude com propriedade de fala, este

nomeado por Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos Afro-Brasileiros oferecido pela Universidade federal do Maranhão e amparado pela implementação da Lei 10.639/03 da qual torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira que busca fazer o resgate, da luta e a valorização dos nossos ascendentes.

Com essa estratificação social e racial tão evidente, fica claro que apesar das políticas públicas, o sucesso com relação a educação formal, em especial, a superior não tem tido tanto êxito. Tornando assim notável a exclusão gigantesca no contexto, social. Nesse sentido, a trajetória feminina negra tem esse formato, dado ao desincentivo para que, ela permaneça sem estudos, sem voz e sem espaço na sociedade.

No que concerne a força da mulher é necessário desmistificar a tal fragilidade feminina como discurso histórico para a proteção (submissão) paternalista. A mulher aqui no caso, a negra, “suportou” e ainda “suporta” trabalhos e papéis sociais desvalorizados pelos homens e algumas vezes, mulheres brancas.

É tão marcante o estereótipo referente a mulher negra ou afrodescendente que, por mais que haja lutas dos movimentos e das militâncias em prol de uma equidade de direitos e postos a serem representados, ainda tem sido insuficiente para concretizarem tal feito.

Para exemplificar, podemos elencar as profissões e/ou postos de trabalho que em sua maioria são ocupados pejorativamente por mulheres de pele negra limitando apenas a execução do trabalho operacional em detrimento do intelectual.

Tal estereótipo é reforçado de maneira lamentável na literatura, na dramaturgia, na música, na escultura, nas pinturas e nas mídias em geral.

A voz da mulher tem sido silenciada energeticamente tanto pelos brancos quanto pelos negros que se encontram na posição de poder. Com isso, essa camada da população brasileira está ferindo sua própria história e desvalorizando a trajetória e cultura negra e toda sua contribuição.

Aproximando da nossa realidade acadêmica, podemos identificar a presença de um percentual de mulheres negras como docentes nos cursos nas áreas de ciências humanas e em especial, as licenciaturas em detrimento dos cursos ditos como elitizados, tais como: engenharias, direito e medicina. Isso pode configurar a intenção de subalternização dos referidos cursos. Bem como a existência de acadêmicas negras nesses cursos, o que, via de regra, não se dar por

preferência direta, uma vez que a educação de base se deu de maneira limitada, normalmente em escola pública, além de em muitos casos os estudantes terem de trabalhar no contraturno para auxiliarem nos custos de manutenção da faculdade e, as vezes, do próprio sustento familiar.

A mulher na sociedade, aqui, em especial, a brasileira tem travado várias lutas para ser valorizada e reconhecida como sujeitos históricos, participativo na construção e desenvolvimento da cultura, economia, religião, comportamento, política, mídia e educação e deixar de ser tratada apenas como espectro do masculino. “O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional: a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance” (CARNEIRO, 2013).

Ainda nos dias atuais, é comum presenciar nos mais diversos setores a inclusão das negras apenas como indivíduos secundárias, onde facilmente se confunde esta como sendo a babá, a faxineira, a cozinheira e nunca como sendo a empresária, a gerente, a executiva, deixando claro aqui que, o apontamento não toma como foco a inferiorização e ou desvalorização de nenhuma profissão, entretanto, o que normalmente poderia e deveria ser ocupados por distintos gêneros e cores, resume-se a mulher negra dentro de uma trajetória planejada e executada para tal.

Então, como se fosse pouco sofrer sexismo, agrega-se também a penúria pelo racismo. Assim, a negra sempre está mais vulnerável a situações de desvalorização, desrespeito e marginalização enquanto ser humano.

Porém, é preciso não somente dizer, mas também fazer com que essa mulher tenha meios para resistir e conseguir sua liberdade não só corpórea, mas intelectual. Pois o que mais se pode perceber é que a africana/afrodescendente é representada como ser sem índole, hipersexualizado e nascido para mão de obra operacional, principalmente nos lares dos mais abastados.

Mesmo depois do ato dito como abolicionista, podemos notar que trabalhos destinados às negras ainda se disseminam.

“A abolição da nossa escravatura foi assinada a lápis, uma lei que qualquer um apaga [...] neste país racista, que mata pobres e persegue negros”, diz Débora Maria Silva, fundadora do Movimento Mães de Maio⁴.

Enquanto as mulheres estão mais representadas no trabalho doméstico⁵ e na produção para próprio consumo e trabalho não remunerado, os homens ocupam mais postos com carteira de trabalho assinada e de empregador. [...] Destaca-se, ainda, a alta proporção de jovens negras, com idade entre 16 e 29 anos, que são empregadas domésticas - no caso destas faixas etárias, alcançam o dobro da proporção das jovens brancas. No que diz respeito ao número de trabalhadoras domésticas com carteira de trabalho assinada, percebe-se um relativo aumento na porcentagem ao longo da década: em 1996 verificava-se 18,7% para as negras e 23,6% para as brancas; já em 2006 os números passaram a 23,9% e 30,2%, respectivamente (IPEA, 2007, p. 12).

Tais trabalhos destinados as mulheres negras são frutos da organização da sociedade que tem como base a desigualdade de gênero em primeira instância e a desigualdade racial em segunda instância.

Não há como negar que em sua grande maioria, os subempregos são normalmente destinados as mulheres negras, sem ensino formal e inseridas em classe social menos favorecida, condição que tende a ser repetida por suas descendentes, muitas vezes por razões parecidas dominadas em regra pela falta de qualificação e/ou oportunidades dignas.

O Movimento Negro como citado inicialmente, tem sido um passo de grande valia para que os sujeitos que os compõem sejam notados positivamente e ativamente como na política da sociedade, pois ele trabalha em função de equidade racial. Porém, como este movimento era liderado por homens, não havia a pauta de lutas pelas negras. Então, elas se reuniam para reivindicar seus direitos em relação ao trabalho. Fato que só ganhou força e notoriedade a partir do uso das mídias, ainda que, de forma elementar inicialmente.

Na época, por conta ainda do patriarcado, as mídias negras valorizavam só a figura masculina. Porém, essa questão só foi abordada num jornal da época, denominado *Quilombo, vida, problemas e aspirações do negro*⁵.

⁴ “Mães de Maio é um movimento de mulheres donas de casa, mas que aprendeu, ao longo desses anos, a trabalhar com esse sistema. E quando as donas de casa saem de suas casas e começam a militar perante o Brasil, acabam ultrapassando as fronteiras. O nosso grito é um grito que tem que ecoar porque nosso país é um país omissor[...]”. (SILVA, 2016).

Surgiu em 2006, a partir de uma onda de crimes ocorridos em maio do referido ano em São Paulo, e visa a “justiça para todas as vítimas da violência discriminatória, institucional e policial contra a população pobre, negra e os movimentos sociais brasileiros, de ontem e de hoje”

⁵Jornal impresso, onde teve sua primeira edição em 09 dez. de 1948, 8 p. e sua última edição junho-julho de 1950. 12 p.

Além do Movimento Negro houve também os movimentos feministas que juntos afloraram novamente na década de 70 e teve como pano de fundo a ditadura militar, mas simbolismo de resistência, impossível. Pois eles atuavam como ferramentas para garantir a cidadania e soberania popular, onde todos tivessem também direito a vez e a voz, ao contrário de só cumprirem seus deveres.

De acordo com Molyneux (2003, p. 79), a injustiça imposta de um gênero para outro era o corolário do movimento feminista.

As mulheres aceitaram o princípio da diferença sexual, mas o rejeitaram como fundamento para a discriminação injustificada. As líderes dos movimentos de mulheres criticaram seu tratamento diante da lei e impugnam os termos de sua exclusão social e política, mas o fizeram de forma que reconheçam a importância do seu papel na família, um argumento que foi utilizado tanto pelas feministas quanto pelos estados, ainda que com fins distintos.

Enquanto Betto (2001, p. 20 apud KONZEN 2018) salienta que a emancipação do sujeito, aqui no caso a mulher é valorizá-la, onde ela terá os mesmos direitos civis, tornando-a um ser independente e com autonomia.

Emancipar-se é equiparar-se ao homem em direitos jurídicos, políticos e econômicos. Libertar-se é querer ir mais adiante, [...] realçar as condições que regem a alteridade nas relações de gênero, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autônomo, independente [...]

Sob essa ótica, vimos que não foram em vão todas as lutas das pioneiras negras em emancipar e que forneceu subsídios para que as brancas também pudessem lutar por um ideal.

Nele podemos distinguir dois tipos de lutas: o das mulheres brancas que almejavam igualdade de direitos em relação aos homens, e o das mulheres negras que combatiam a inferioridade diante daqueles que não constituíam seus pares, ou seja, tanto das mulheres brancas quanto dos homens em geral.

Quando se trata do movimento voltado às afrodescendentes, temos no ano de 1988 o I Encontro Nacional de Mulheres Negras - I ENMN, este, por sua vez, teve como ideal, novos moldes da negra na sociedade, ou seja, inserção na política e seus derivados, tanto em alcance nacional quanto internacional.

Tal movimento é também reconhecido como força propulsora que vai ao âmbito internacional. Pois, aproximadamente 80% de suas pautas foram consideradas na constituição de 1988, isso significa dizer que, juridicamente, a condição da mulher no Brasil mudou consideravelmente.

Porém, na prática essa mudança não é tão perceptível, uma vez que, se formos observar os padrões historicamente hegemônicos travam e/ou colocam obstáculos as afrodescendentes a serem excluídas do processo educacional, profissional, político, entre outros. É preciso mais do que leis guardadas em diários ou livros, faz-se necessário que elas sejam conhecidas, reivindicadas e aplicadas.

Para além do âmbito educacional, a luta se estende em inúmeras outras conjunturas, e deve ser contínua e apoiada em precursoras desse movimento como no quesito religioso que será citado a seguir.

No contexto religioso temos a representação de Escolástica Maria da Conceição Nazaré, neta de escravizados e natural de Salvador, nascida no ano de 1894 e conhecida popularmente como Mãe Menininha do Gantois, ela traz marcas na sua história de luta e resistência que culminaram na conquista em fazer que a prática religiosa Candomblé fosse regularizada por intelectuais e políticos na década de 30.

Outra personalidade é a autora Maria de Lourdes Siqueira, maranhense nascida em Codó, graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão 1964. Conquistou o título de mestre em Ciências Sociais onde trabalhou o Ser negro em terreiros de Candomblé pela PUC-SP em 1986, e teve sua tese desenvolvida pela École des Haute Études em Sciences sociales, EHESS, França em 1992 intitulada de Ago Ago Lonan. Terreiros de Candomblé a Bahia: mythes, rites et organisation. E entre 1998 a 2000, cursou dois Pós-doutorados em África do Sul e Londres.

Maria de Lourdes, grande intelectual atuou na EMATER, INCRA, no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico- CNPQ entre os anos de 2002 a 2004, representante da Fundação Cultural Palmares, Conselho de Promoção da Igualdade da Secretária de Políticas e Promoção da Igualdade Racial, 2015, entre outros

Produziu mais de sete livros e diversos textos e palestras. Dentre os seus livros, Revivendo ideias de Francois de L'Espinay 1995, Os Orixás, na vida do que neles acreditam, 1995. Zumbi dos Palmares, 1995, Mãe Hilda: a história da minha vida, 1996, Agô, Agô Lonan: mitos, e organizações de Candomblé, 1998 Á flor da pele, 2021, Imagens negras: ancestralidade, diversidade e educação, 2021. N Assysim, 2021, além de várias premiações.

Dando continuidade, agora no âmbito da moda, que é um quesito importante dentro da cultura negra, a fala direcionada toma como base a manifestação da moda e beleza da mulher negra que tem ganhado espaço, mas não é algo fácil de ser conquistado, pois a branquitude sempre manteve e se achou no direito de dizer o que é belo, o que é aceitável e modelar ao seu bel-prazer o que pode ser valorizado. No concurso Miss Brasil, o país ficou mais de três décadas sem eleger uma negra ou afrodescendente como beleza brasileira. Isso mostra que há tamanha desigualdade dessas mulheres no ramo da beleza.

Deise Nunes, primeira negra vencedora do Miss Brasil em 1986, diz: “Mostrei ao nosso país que os negros também são belos” (NUNES, 2019), afirma também que de lá para cá o preconceito pouco mudou. Isso é corroborado quando observamos que daquele ano até então apenas mais duas negras conquistaram a tão desejada coroa do concurso, em 2016 e 2017.

Quando tratamos de vestuários, a negritude não tem espaço para sugerir tendência de modas, mas fica restrita apenas entre sua comunidade seu perfil de vestimentas, modelagens e padrões de cor.

Em se tratando de produções literárias, Evaristo (2009), fala que a literatura hegemônica trabalha os personagens negros de modo equivocado, desvalorizando-os e personificando de modo a não se destacar positivamente no enredo.

Seja na literatura, seja nas produções de dramaturgia, os personagens negros são tidos como os piores, sem direitos, sem dignidade. E até em produções que retratam fatos, podemos ver que os personagens que são negros ou negras são representados com estereótipo de atrizes e atores brancos, a exemplo, podemos citar a novela "Os Dez Mandamentos" produção brasileira de Viviane de Oliveira exibida em 2015/2016 pela Record TV. Isso endossa a representatividade real, uma vez que formam descaracterizados.

Em geral, as negras, aparecem nas criações, via de regra, em condições marginalizadas, estereotipando o tom de pele negra, que é visto sempre como aquele que não tem nada a acrescentar aos "nobres".

Em paralelo com a ficção, mesmo que sendo pouco os exemplos podemos identificar personalidades da vida real, que por razões específicas conseguiram ir na direção contrária e obter destaque no ofício que conduziram em suas vidas. Podemos exemplificar a trajetória da atriz Ruth Pinto de Souza que

nasceu no Rio de Janeiro em 1921, porém fora criada até os nove anos em Minas Gerais quando ficou órfã de pai. Com esse acontecimento, se mudou com sua mãe e seus irmãos para o Rio de Janeiro novamente, lá sua mãe sustentou os filhos com o trabalho de lavadeira.

Desde muito cedo, Ruth teve paixão pelas artes cênicas e conseguiu ingressar no Teatro Experimental do Negro, de Abdias de Nascimento. Sua dedicação fez com que o crítico Paschoal Carlos Magno, proporcionasse bolsa de estudos para se aperfeiçoar nos Estados Unidos.

Ruth consagrou-se a primeira atriz negra a representar no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, assim como ter reconhecimento do seu trabalho ao concorrer no Festival Internacional de Veneza, em 1954 com o filme "Sinhá Moça". Esse feito a levou a ganhar o título de primeira-dama negra da dramaturgia brasileira (SILVA, 2011).

Do exposto, podemos notar alguns frutos da resistência por meio do movimento feminista, onde houve certo progresso, porém, algumas reivindicações ainda são bem atuais como a igualdade gênero (na política, inserção no mercado de trabalho e combate a violência) o respeito, a valorização e reconhecimento da mulher negra.

Nessa tessitura histórica dessas personalidades, cheias de significados e importância incontestável, temos que dar continuidade na busca por conquista de direitos, reconhecimento, e mais do que nunca, de espaço de valor compatível com a real aptidão pertencente a essas mulheres, uma luta que não deve ser apenas restrita ao tom de pele, mas, sobretudo a consciência política, humana e social.

3.1 Conceição Evaristo: uma voz negra na literatura contemporânea

Maria da Conceição Evaristo de Brito oriunda de uma comunidade da Avenida Afonso Pena da zona sul, lugar prestigiado de Belo Horizonte, viveu até seus sete anos como mais três irmãs filha do primeiro relacionamento do seu pai o senhor que Conceição diz saber quase nada e filha de Joana Josefina Evaristo, lavadeira que viveu com seu padrasto Anibal Vitorino que era pedreiro e tinha mais cinco filhos, onde todos foram morar numa casa só.

Uma tia de Evaristo, irmã de sua mãe também lavadeira e registrada pelo nome de Maria Filomena da Silva, casada com Antônio João da Silva, não tiveram

filhos e Conceição foi como uma filha para eles, isso proporcionou que ela tivesse acesso aos estudos.

Conceição sempre teve na sua vida a referência das mulheres da família para seguir e sair da condição de subalternidade. Os primeiros contatos com a literatura chegaram às mãos de suas tias e de sua mãe que de alguma maneira que tratavam de compreender e repassar as histórias aos filhos e sobrinhos, de forma oralizada. Com o desejo evidente de ser professora, sua origem e história de ancestrais na posição de serviçais seria então, uma afronta ao sistema, ousar adentrar no mundo das letras e dos intelectuais.

A duras penas, Conceição enquanto trabalhava de doméstica em Belo Horizonte conseguiu estudar e se formou em professora em 1971, no curso de Normal Superior e logo após mudou-se para o Rio de Janeiro onde foi aprovada em concurso público para ministrar aulas. Ela não se contentou com isso e se propôs a cursar Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este curso de alguma forma a instigou a expor suas lutas, da sua comunidade e das negras e negros que na literatura ainda tem pouca representatividade. Algumas de suas inspirações são resultados de suas memórias, inclusive a do período de infância.

Ela defendeu sua dissertação no campo da literatura voltada a negritude, intitulada de: Literatura Negra: uma poética da nossa afrobrasilidade, em 1996. Atualmente, Conceição Evaristo é aposentada e ministra aulas para professores, como professora convidada no campo da educação, da literatura, gênero e etnia.

Conceição, ainda está por trabalhar no seu doutoramento a tese Literatura Afro-Brasileira em confronto com a Literatura Africana de Língua Portuguesa, onde busca obras literárias de alguns autores de países pertencentes ao continente africano que usam a língua portuguesa como instrumento oficial de comunicação. Ela também tem escritos nos Cadernos Negros que é composto por diversas obras literárias.

A autora cunhou o termo *escrevivência*, no qual ela usa para transcrever suas experiências e memórias do cotidiano. Suas obras são repletas de vida, emoção e ficção que entremeiam a realidade. Conceição trabalha em seus escritos poemas, romances e contos que retratam o grupo de Afro-Brasileiros. Não é difícil, contudo, o leitor mesmo em distintas condições sociais se identificar e reconhecer a luta e as dores do povo negro, travadas no país desde de 1500 até os dias atuais.

Dentre as obras de Conceição, ela escreveu e lançou até 2018, sete livros, eles têm como essência o enfrentamento do racismo e também machismo enraizados em nossa sociedade.

Romances: Ponciá Vicêncio, 2003 e Becos da memória, 2006, Poemas de Recordação e Outros movimentos, 2008, Insubmissas lágrimas mulheres, 2011, contos: Olhos D'água, 2014, Canção para ninar menino, 2018, Histórias de Leves enganos e parecenças, 2016, contos e novelas,

Na obra Ponciá Vicêncio tida como primeiro romance da autora encontramos um enredo carregado de emoções e significados do cotidiano marcadamente penoso da personagem negra Ponciá, que nada mais é do que a representatividade fiel e trágica das mulheres negras e/ ou afrodescendentes sob a ótica do desafio que é viver e lutar por condições melhores para além da sobrevivência em um mundo majoritariamente, dominado pela branquitude que insiste em abafar o potencial das mulheres negras do passado a atualidade..

Em uma entrevista, Matos sobre a solidão tem cor: o sofrimento das mulheres negras no Brasil, ela afirma o seguinte:

Nossa sociedade tem uma herança patriarcal e escravocrata que até hoje impacta nas possibilidades de ser, falar e existir. Infelizmente, ainda se tem na sociedade a percepção de que alguns são mais ou menos humanos do que outros. Isso leva a uma naturalização das desigualdades e da violência sofrida por determinados grupos (MATOS apud ALVES, 2018).

Enquanto houver, inferioridade impositiva do sistema com os negros e afrodescendentes, ainda haverá uma longa e continua batalha na direção de uma sociedade mais equitativa. Como exemplo podemos citar as políticas afirmativas de cotas para a educação e emprego que em essência busca reparar prejuízos históricos causados aos negros e sua descendência. Tal política, trabalha também com vistas a conscientização da não repetição do comportamento escravista.

4 A MULHER NEGRA EM PONCIÁ VICÊNCIO: entre representação e identidade

A partir de agora é possível quebrar o silêncio imposto a todas as concepções do sujeito, de suas representações e de suas batalhas.
(Alain Touraine)

Na obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, a autora delinea o percurso da personagem principal que dá nome à obra de uma forma marcada por caminhos nem sempre felizes, mas repleta de sonhos, identidade, lembranças e representatividade que se dá desde a infância até a vida adulta.

Ponciá Vicêncio narra a história de uma mulher negra desde sua infância até a idade adulta. Ponciá mora com a família na Vila Vicêncio, no interior do Brasil, onde vive numa população de descendentes de escravizados. Seu pai e seu irmão trabalham no cultivo da lavoura da família Vicêncio, que é proprietária das terras onde todos moram e trabalham, ademais são donos do sobrenome dos habitantes da vila, como a família de Ponciá.

A narrativa não segue uma linearidade, é feita em flashbacks e é narrada em terceira pessoa, descreve a infância da menina na vila junto da mãe, Maria Vicêncio que vivem do artesanato com o barro que elas fazem, assim, conhecemos a menina Ponciá, que feliz brincava de passar por debaixo do arco-íris com medo de mudar de sexo, segundo uma crença popular, era diferente desde a infância, principalmente pela semelhança física com o avô Vicêncio. Este, quando era escravizado, teve um momento de loucura e grande indignação com a escravidão, matou a esposa e tentou o suicídio se mutilando, cortando o próprio braço, esse braço cotó que desde pequena Ponciá imitava, apesar de quando o avô faleceu, apenas era uma criança de colo, ela chegou a modelar um boneco de barro idêntico a ele, que deixa mãe espantada e por esse motivo todos dizem que ela carrega a herança do avô.

Depois de perder o pai, Ponciá parte para a cidade grande em busca de uma vida melhor, viaja de trem e ao chegar à cidade sem ter para onde ir, passa uma noite na porta da Igreja e consegue um emprego de doméstica. Durante o tempo que junta dinheiro para comprar um barraco e trazer a mãe e o irmão para morar com ela na cidade. Seu irmão Luandi decide migrar para a cidade grande também, deixando sua mãe triste. Ao chegar, o rapaz arruma emprego de faxineiro na delegacia, com a ajuda do soldado Nestor, negro que conheceu ao chegar na

estação de trem e que também é sua inspiração de projeto de vida, pois este sonha em ser soldado. A mãe, Maria Vicêncio, sozinha na casa, decide viajar pelas vilas sem rumo até que chegue a hora de encontrar os filhos.

Nesse ínterim, Ponciá volta à vila para buscar sua mãe e o seu irmão, mas não encontra ninguém, apenas o boneco de barro do avô guardado no fundo de um baú, ao visitar Nêngua Kainda, descobre que encontrará a mãe e o irmão e cumprirá a herança. Ao retornar à cidade, ela se junta a um homem que conhece na favela, no início apaixonada, mas depois sofre agressões físicas e toma-se pela apatia, tanto pelas perdas sofridas: a ausência dos familiares e os sete abortos.

Enquanto isso, Luandi aprende a ler e escrever, ficando cada vez mais próximo de realizar o sonho de ser soldado. Conhece Bilisa, uma mulher negra, que veio para a cidade em busca de uma vida melhor, mas ao ser roubada na casa onde trabalhava, torna-se prostituta, os dois se apaixonam e fazem planos. No entanto, ela é assassinada brutalmente por Negro Climério, fato que interrompe os planos do casal. Anteriormente, Luandi toma emprestado uma farda ao soldado Nestor e retorna à vila para encontrar a mãe, mas não encontra ninguém, apenas uma pista: o sumiço do boneco do avô. Ele deixa seu endereço com Nêngua Kainda para que esta o entregue à mãe e retorna à cidade. Sua mãe, vai ao encontro dele na cidade grande, ao chegar na estação de trem, encontra um soldado e entrega o bilhete com o endereço do filho, o soldado era Nestor, que leva ela até a delegacia onde está Luandi. Na favela, Ponciá, delira com saudades do barro, decide retornar à cidade natal, e na estação de trem reencontra a família e retornam juntos para a Vila Vicêncio, onde Ponciá faz o cumprimento de sua herança ancestral, junto do rio, do arco-íris e do barro.

O romance explora com riqueza de detalhes todos os desencantos e mazelas vivenciados pela protagonista, bem como a sua ávida coragem por acreditar na transformação da sua história a partir da busca pela experiência de uma vida nova na cidade.

Reunindo passado e presente dando espaço para sonhar um futuro, Evaristo descreve habilidosamente a trama que apresenta de maneira singular as amarguras próprias de um povo escravizado ou descendente destes e, envolve o leitor por emoções genuínas, capaz de fazer envolvê-lo e sensibilizá-lo.

Durante a narrativa, é possível sentir as emoções descritas, os detalhes do que faz parte do dia a dia da protagonista, seu choro, sua desesperança, suas

incertezas, os cheiros, os sabores, tudo nos é oferecido com uma perspectiva tão real que se torna impossível não se envolver, se identificar, comover-se com essa rica obra.

Em todo desenrolar da história, somos convidados a fazer reflexões e direcionarmos nosso olhar sem pressa para compreendermos não só o que o roteiro nos apresenta, mas também para que possamos ter a possibilidade de nos apropriarmos do que engendra nossa construção sociocultural e de posse desse entrelaçamento sermos capazes de nos posicionarmos com maior propriedade diante dos dias de luta que sempre existirão em circunstâncias diversas no corriqueiro universo das mulheres negras.

4.1 Representação da mulher negra na sociedade brasileira

Para falarmos de representatividade lançaremos mão da abordagem psicológica de alguns autores como Moscovici (2003), e Jodelet (2009), onde ambos discutem o termo como representações sociais. Mas antes, veremos o que o dicionário nos oferece de conhecimento sobre o termo em questão.

A palavra representação deriva do latim “repraesentatio onis”, que significa 1 Petição feita por escrito a uma autoridade. 2 Aparato inerente a um cargo ou posição social. 3 *Dir Ato* pelo qual alguém é legalmente a agir em nome de outrem. 4 Espetáculo teatral (Cipro Neto, 2009). Logo, para que algo ou alguém seja representado faz-se necessário que o mesmo seja constituído de sentido real ou próximo disto.

Não raro podemos experimentar no nosso dia a dia, na ficção cinematográfica, nas produções literárias as mais distintas abordagens de como essas mulheres são apresentadas no intuito de aproximar o que elas representam e como compõem a sociedade, nos mais diversos aspectos.

As representações exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que os forjam e dão do objeto que representam uma definição específica. Essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem, para esse grupo, uma visão consensual da realidade. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas — e veremos que se trata das funções e da dinâmica social das representações (JODELET, 2009, p.45).

Geralmente organizadas por grupos que partilham de características similares, sejam físicas, intelectuais, culturais, econômicas ou quaisquer outras, é

fácil identificar como as representações se manifestam, mas nem sempre é fácil aceitar e entender como certas segregações continuam a ocorrer em uma sociedade mista, dinâmica.

A representação da negra no tecido social é totalmente diferente de como ela é e se sente, porém, a imagem que é distribuída seja por histórias, piadas, mídia ou qualquer outro meio é de que essa negra é limitada, que tentam e/ou a mantêm às margens da sociedade.

Na visão de Moscovici (2003, p. 41) a historicidade guarda os processos de aquisição que contribui para a construção do que será representado por meio de movimentos e renovações agreguem esta representação do que se objetiva abordar.

Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, adquirem vida própria, circulam, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu.

A história atual narrada ou vivida é sempre oriunda de outra que outrora acontecera e que não pode e não deve ser deixada de lado, esquecida ou inferiorizada, onde história e memória de um povo andam sempre de mãos dadas.

De acordo com Mattos (2007), a negação do corpo trabalhada em suatense tem relação como meio mantenedor das representações pejorativas, e isso se fortalece por um dos três caminhos: da política, da escola ou da medicina. Assim, podemos dizer que o discurso opressor do corpo feminino é fruto da construção histórica.

Considerando a questão aceitação, esta estende-se ao cabelo, as cores e espaço social, onde, via de regra não se tem figuras que representem estas mulheres de forma natural, e isso deixa uma lacuna significativa na força e na luta que tende a ser muito maior pela conquista de liberdade de poder expressar-se como desejam e estarem onde querem e merece que são em locais de destaque tendo visibilidade e respeito.

Num debate, Day Rodrigues diretora do filme “Uma Geografia das Desigualdades”, lançado em (30/7/2019) expõe sobre os lugares de poder na sociedade, onde o termo diversidade não é tido como positivo, uma vez que, deste modo, todo aquele que não for homem branco está fora da normalidade e, por conseguinte, sem espaço de poder. Logo, para que isso seja desconstruído, faz-se

necessário que os ditos como indivíduos superiores reconheçam que esse fato em si os favorece e desfavorecem todos os outros que não assemelham a sua cor de pele e gênero (RODRIGUES, 2019).

Em uma de suas falas ela diz o seguinte sobre ser negra no meio em que atua: “Ser uma diretora negra é rever esse estereótipo da não subjetividade das pessoas negras. Não quero mais ser a diversidade em relação ao homem branco, senão nunca serei vista com uma pessoa”. Notamos a consciência e a resistência que ela possui e a busca em expandir isso a mais mulheres na mesma situação de invisibilidade.

Se observarmos com cuidado, o termo minoria atribuído a população negra e até mesmo a tal diversidade, em ambos há a intrínseca essência de discriminação racial, excluindo a importância e desigualando do povo negro em detrimento das outras raças, voltando a atribuição de minoria, esta veio muito mais no sentido de não ter importância do que, propriamente, quantidade se considerarmos o Brasil e sua vasta miscigenação.

O mito da beleza é outro ponto que inferioriza a cultura da negra, principalmente, com os seus cabelos, pois a beleza é caracterizada a partir de um dado padrão, que é dado pela branca como modelo a ser seguido, mesmo que para isso a identidade do outro seja perdida e/ou abandonada.

A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. A "beleza" não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica. O povo maori admira uma vulva gorda, e o povo padung, seios caídos. Tampouco é a "beleza" uma função da evolução das espécies, e o próprio Charles Darwin não estava convencido de sua própria afirmação de que a "beleza" resultaria de uma "seleção sexual" que se desviava da norma da seleção natural. O fato de as mulheres competirem entre si através da "beleza" é o inverso da forma pela qual a seleção natural afeta outros mamíferos[...] (WOLF, 1992, p.15).

Notamos que a autora destaca de maneira clara o poder da homogeneização da representação estética entre as mulheres. Isso, muitas vezes, tem forçado algumas mulheres negras a se equipararem com a imagem da mulher branca, pois esta é bem recebida em alguns setores da sociedade, principalmente entre os próprios homens negros o que pode ser visto como um desrespeito com a

própria etnia. Logo, essa padronização visa uma coisa e provoca outra que é a segregação entre as diferentes etnias de mulheres.

Com toda essa gama de informações, é fundamental salientar que para enfrentar esse gargalo do racismo, há a necessidade de que este seja reconhecido como tal, debatido e desse modo implante-se uma consciência coletiva com vistas a diminuir a longo prazo e equiparar as condições em que se encontram negras, brancas, mulheres e homens.

Na produção literária de Conceição Evaristo é possível identificar uma segregação no contexto acima apresentado mesmo no campo que abarca a profissão de fé, tendo como exemplo o trecho que relaciona as impressões e comparações inevitáveis feitas por Ponciá entre a realidade do seu lugarejo e da cidade grande.

A primeira impressão sentida por Ponciá Vicêncio, no interior da igreja, foi de que os santos fossem de verdade. Eram grandes como as pessoas. Estavam limpos e penteados. Pareciam até que tinham sido banhados. Eles deveriam se mais poderosos do que os da capelinha do lugarejo em que ela havia nascido. Os de lá eram mingudinhos e mal vestidos como todo mundo. Quando as luzes das velas iluminavam os rostos deles, podia-se ver que eles tinham o olhar aflito, desesperado, como os pecadores ali postados em ladainha. Os santos daquela catedral, não! Eram calmos. Ponciá olhou as pessoas ao redor. Combinavam com os santos, limpas e com terços brilhantes nas mãos. Lembrou-se do seu. As contas eram de lágrimas-de-maria. E com um movimento rápido tirou as contas escuras, protetoras de seu corpo, do pescoço. Não teve coragem de debulhar o rosário em público e o enfiou bem lá no fundo trouxa. Ajoelhou-se tentando rezar Ave-Maria. (EVARISTO, 2017, p. 31 e 32).

Nem mesmo no contexto da fé pode-se separar as questões de poderio e, visível superioridade quando se confronta realidades diferentes como é o caso verificado no trecho supracitado. Então, como dirimir as questões que apartam ricos, via de regra, com tom de pele claro e pobres, na sua generalidade, afrodescendentes?

Porém, não é a padronização que deve reger representação estética, pois cada pessoa, mulher é única, por mais que compartilhe algumas características relacionada a clima, genética ou classe social. Em sua obra “Sem Perder a Raiz” Gomes (2012, p. 281) apresenta seu olhar sobre a beleza e sua formação:

A beleza pode ser, então, entendida como uma categoria estética e construção social, como uma maneira de nos relacionarmos com o mundo. Ela não tem a ver com formas, medidas, proporções, tonalidades e arranjos[...]Quando falamos em beleza, referimo-nos a uma construção cultural e histórica, uma vez que nenhum objeto encarna “beleza pura”[...].

Não podemos encerrar uma abordagem tão abrangente como a que viemos nos referindo nos últimos parágrafos, de maneira conclusiva, então é válido sublinhar que o perfil de afirmação a partir dos elementos que compõem as características da moda, com todos os seus adereços, cores, vida e alegria, traz toda uma trajetória da ancestralidade negra, que em um movimento contrário ao que observamos no contexto estético, mantém-se confiante de que, em algum momento, torne-se também referência estética e não apenas a chamada beleza exótica, diferente, minoritária na vida, na mídia, na moda.

Carregados de simbologia, respeito e empenho para manter viva sua forma de ser negra, forte e com dignidade e exemplo repassar aos seus descendentes com o objetivo de manter viva essa simbologia e resistência, as marcas da estética negra ecoam como um grito de alerta que visa, sobretudo, ocupar seu espaço naturalmente sem que haja a necessidade de justificar, explicar ou esconder-se nos estereótipos alheios para serem aceitas.

Não devendo ter a necessidade de criar uma realidade paralela para manter-se viva e caber nos apertados espaços criados a partir de uma adequação que não fira o padrão branco e seja sutil o suficiente para seguir à margem, repetindo o destino quase que anunciado e declarado de até onde a linha limite surge e determina que as negras podem chegar.

Aqui no delinear do romance em questão, fica claro ao leitor questões referentes a representatividade e ancestralidade, onde a personagem é composta fortemente por um desejo de mudar a sua realidade se destacar enquanto contexto social e, desta maneira, dar novos rumos a sua vida, dos futuros descendentes, com a clara intenção de não repetir o roteiro trágico dos seus ascendentes que, por sua vez, também fazem parte de um resgate de mudança pensado e buscado pela personagem principal.

4.2 A identidade da mulher negra em Ponciá Vicêncio e sua relação com a mulher negra brasileira

Para tal, começaremos a ilustrar a força da personagem impressa habilidosamente por Conceição Evaristo, onde a mulher negra na sociedade brasileira, por vezes, confunde-se com Ponciá Vicêncio, nas falas, nos sonhos, nos gestos, nos silêncios, nos medos, nas tragédias, no destino em mais onde for

possível, tudo nos transporta para um mundo vivo, onde o leitor pode até sentir o que se passa com a personagem.

A história é narrada de maneira não linear e também não apresenta os nomes de todos os personagens, talvez a autora, com isso, teve como o intuito centralizar maior atenção a mulher negra frente aos demais personagens.

Tendo na figura de Ponciá o fiel retrato da mulher negra, pobre, sem instrução intelectual, interiorana, imersa em um cotidiano de limitações e sonhos de em algum momento aprender as letras, sentir-se importante e, efetivamente fazer parte do contexto social sendo não só notada, mas também respeitada e aceita. Esse descontentamento leva o desejo forte de mudança, ir para a cidade grande e lá sim, fazer a vida ter sentido, realizar-se e transformar também a realidade de seus familiares.

Mesmo trazendo consigo as dificuldades de ser mulher em uma sociedade essencialmente machista, com a pesada herança de ser descendente de povo escravizado, Ponciá, gostava de ser menina, sim, gostava de ser ela mesma, gostava de quase tudo, gostava do cenário em que vivia, do rio, das plantações, das pedras dos momentos que aproveitara da sua infância, só uma coisa lhe incomodava fortemente, seu próprio nome e o sobrenome deixado a seu avô por um coronel dono das terras dos brancos onde os negros trabalhavam e pouco lucravam. (EVARISTO, 2017. p. 13).

Para Ponciá ser mulher nunca foi um problema, pelo contrário, via nisso uma vantagem, ao observar que a mãe sempre mandava e seu pai quase mudo só ouvia e prontamente obedecia, queria ver chegar o dia em que também se casaria e teria um marido para mandar, ah! um dos sonhos de Ponciá. (EVARISTO, 2017, p. 24-25).

No excerto acima, há uma similaridade genuína no quesito identidade se considerarmos a mulher negra brasileira, que se orgulha de ser como é, que batalha, que segue encorajada e encorajando mesmo quando todas as circunstâncias se agigantam e se propõem a sufocar os sonhos e projetos de uma vida melhor, a esperanças dotada com uma boa dose de teimosia, próprias da nossa brasilidade, fazem essas mulheres continuarem, apesar do caos, podemos ver sorrisos disfarçando a dor e brilho nos olhos quando são vistas e ouvidas mesmo que por instantes bem curtos.

Temos e conhecemos um pouco de Ponciá em nós, em nossas conterrâneas, nossas mulheres negras, nossas ancestrais, marcas, destinos, e muitas lutas, contra um, contra todos se necessário for, uma busca constante de conhecer-se, de evoluir, mesmo que nos seja negado o mínimo possível para viver, lá estamos, seguindo, com medo, mas com fé e muita disposição, até quando não se sabe, mas não nos cabe acomodarmos, pelo contrário, nos incomodamos, com tão pouco que nos é ofertado como esmolas. "O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar a viagem, que durou três dias e três noites [...]" (EVARISTO 2017, p. 32).

Sempre movidas por fé e esperança nossas Ponciás do cotidiano vivem um dia de cada vez sem esmorecer tão facilmente, mesmo que vejam muito mais entraves e insucessos do que êxito na sua busca por dias mais coloridos e felizes.

A diversidade de Ponciás nos fazem refletir sobre o verdadeiro papel dessas mulheres em seus lares, em suas comunidades e na sociedade como um todo, quais espaços ocupam e porque ocupam? São mães, esposas, chefes de lares, líderes de movimentos, trabalhadoras domésticas, são inúmeras as facetas, onde a pluralidade se faz presente e nos faz identificar com alguma dessas características ou situações tão comuns à nossa realidade de mulheres negras, brasileiras, esquecidas, invisíveis aos olhares diversos.

Na história e na bagagem dessa mulher cheia de significados a identidade de força e iniciativa prevaleceram por um logo período, tão lúcida de muitas realidades, a ficção e a realidade se confundem a ponto de inebriar a mente do leitor com uma boa dose de informações de como é pesado, ser mulher, negra e sem recursos de qualquer sorte para se ter condições dignas de lutar, de ser o que se deseja ser, sem ter por perto as sombras do vazio devastador que é a exclusão e os estigmas da melanina, que se faz uma marca negativa em quem a traz consigo.

Inserida em um núcleo trágico pela própria natureza em que os fatos acontecem, a então menina Ponciá, tem sua trajetória delineada por todas as dificuldades tão conhecidas quanto "naturais" a uma garota de pele negra, família sem recursos, e traumas cotidianos.

Acostumada a poucas coisas, Ponciá Vicêncio ia trabalhando e juntando dinheiro para comprar um barraco. Sim, fora ela a causadora de tudo. Saíra primeiro de casa, agora estava o irmão perdido na cidade e a mãe sem rumo lá pelo povoado. Precisava dos dois, o dinheiro que possuía já dava

para começar a compra de uma casinha nas redondezas da cidade. (EVARISTO, 2017, p. 40 - 41).

Quantas mulheres têm suas histórias de vida com um roteiro tão similar que o romance de Ponciá não seria somente ficção, mas o retrato fiel de tantas negras moradoras das muitas favelas espalhadas em nosso país, que com muito trabalho árduo, conseguiram juntar um pouco de dinheiro e comprar um quartinho, e trazer os que um dia deixaram para trás.

De tantas abdições que ela fez, algumas construções e encontros também aconteceram já quando se encontrava na cidade e que fizeram parte da jornada de Ponciá, sendo o seu casamento um claro exemplo de encontro com o sentido de construção, entretanto, a fatalidade de um propósito anunciado desde a tenra idade da nossa personagem fez ruir o que parecia ser uma porta aberta para algo sólido e feliz no meio de tanta desventura.

O homem de Ponciá Vicêncio saía para o trabalho levando uma preocupação nova no peito. Tinha medo de que, quando chegasse em casa, a mulher tivesse saído. Os vizinhos lhe aconselhavam a colocá-la no hospício. Ele não queria, embora muitas vezes pensasse que ela estivesse mesmo doente. Sabia, porém, que Ponciá Vicêncio precisava, apenas, de viver os seus mistérios, cumprir o seu destino (EVARISTO, 2017, p. 104).

Durante os anos em que a relação conjugal de Ponciá e seu marido, tentava harmonizar-se, mas foi ficando cada vez mais complicado habitar sob o mesmo teto, dadas as condições em que a sua companheira manifestava com frequência de devaneios e alheamento da realidade, conciliando com um espantoso desleixo e desinteresse por tudo a sua volta que apresentava cada vez com uma periodicidade maior.

O que se delineia como um pontilhado de sucesso, de certo carrega inúmeras amarguras, preconceitos sofridos, ofensas de toda forma a ponto de ferir a autoestima e honra das mulheres aqui em questão. Fato que não se limita apenas as mulheres socialmente menos favorecidas, uma vez que, as injúrias contra elas não esbarra na condição social ou mesmo no anonimato. Onde até mesmo pessoas que são oriundas de uma classe social mais favorecida, não estão livres do preconceito e das injúrias tão peculiares ao indivíduo negro.

Nesse contexto, podemos trazer a exemplo uma personalidade brasileira, jornalista, por nome, Maria Júlia Coutinho, carinhosamente tratada por Maju que, a princípio desejava ser professora e começou a cursar pedagogia na USP, mas

acabou se encantando pelo jornalismo a partir do hábito do seu pai ler notícias e compartilhar em casa.

Atualmente, mesmo numa posição de destaque e prestígio social, condição que nem todas as negras conseguem chegar, ela sofreu ataques públicos referentes ao seu estereótipo. Isso nos faz ver que independente da origem ou lugar de fala, ser negra e mulher não torna imune a agressões, seja verbal, seja física, seja moral.

Esses acontecimentos se iniciam desde a tenra idade, pois estudos⁶ mostram que há rejeição mesmo no contexto escolar, onde professoras dão pouca ou nenhuma atenção a bebês e crianças negras criando assim segregação, onde tal comportamento afirma e ensina uma suposta inferiorização do indivíduo negro frente aos demais.

Na trajetória das mulheres negras, poucas são as heranças⁷ deixadas de uma geração para outra, e nesse prisma, a educação seria uma das mais seguras a garantir condições de buscar mais igualitária a um futuro menos penoso.

Nutrindo o desejo de mudar a rota do destino de seus antepassados, nossa personagem viu na possibilidade de aquisição de leitura e escrita uma condição real e palpável de trilhar o caminho que a levaria a uma realidade de mais possibilidades, então a chegada de seminaristas pelo interior e a proposta de montarem por ali uma escola, despertou em Ponciá profundo interesse em aprender as letras, com o consentimento de sua mãe, lá foi ela, em busca de um conhecimento formal que diferia do já conhecido para viver na roça, pois o saber da cidade era diferente e de certo abriria novas portas. (EVARISTO, 2017, p. 25)

Sem sombra de dúvidas, é na educação formal que se encontra a grande chave que destravará boa parte do atraso referente a instrução formal tão marcante na vida de mulheres negras, entretanto romper essa barreira é algo que tem requerido um esforço mais específico destas.

Não repetir os exemplos e as vivências negativas de seus ancestrais, pode ser a grande motivação para manterem o foco em garantir um novo caminhar na busca de espaço nos bancos escolares da base até o nível superior.

⁶ Pode ser encontrado nos estudos de FRANÇA, (2017).

⁷ Herança aqui tratada como bem material.

Especialmente, na obra analisada, a personagem Ponciá manifesta traços de identidade do seu avô que, durante todo o romance é tratado como herança ou mesmo destino a ser repetido por ela.

A menina ouvira dizer algumas vezes que vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. Não sabia o que era herança, tinha vontade de perguntar e não sabia como. Sempre que falavam dele (falavam muito pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada, e quando ela se aproximava, calavam. (EVARISTO, 2017, p. 27).

Na proposta de apresentar os estigmas vividos na ancestralidade próxima ou muito remota, a autora destaca com ênfase singular a repetição de uma característica aqui vivida por Vô Vicêncio, a ser manifestada mais tarde na própria Ponciá, seja pelo acúmulo de frustrações, seja pela impossibilidade de sair, de fato e de vez das raízes que a prendem e, que não importa os caminhos escolhidos, uma hora há de se manifestarem, pois são indissociáveis de histórias e trajetórias que formaram seus descendentes.

Nesse espectro, a menina Ponciá na fase de infância carregava alguns traumas da figura masculina, onde sempre via na figura do pai do irmão e do avô o tipo do típico escravo que trabalhava para os senhores brancos. Ponciá que trabalhava manuseando barro com a sua mãe produzindo peças artesanais sempre que atravessava o rio para pegar material tinha o receio de virar menino e sempre certificava se que seu corpo continuava com as mesmas características femininas.

Esse receio era fruto da realidade das figuras masculinas em seu contexto familiar e social que, por sua vez, eram obrigados a trabalhar servindo aos senhores brancos em condições inferiorizadas que, mal garantiam o sustento, condição permanente ao longo do ano. Logo, nunca faltava serviço aos homens da aldeia, entretanto, também nunca sobrava condições dignas para que estes pudessem desfrutar da companhia das mulheres e filhas que ficavam a cargo do serviço doméstico.

É preciso repensar e refletir cotidianamente a realidade das cicatrizes geradas ao longo de anos por comportamentos opressores, via de regra, patriarcais, que por muitas vezes, confundiam-se com uma normalidade aceitável e necessária a relação - negro (prestador de serviço) e patrão (o branco e detentor de poder aquisitivo).

Seguindo a narrativa de Evaristo, destacamos o drama vivido pelo personagem Vô Vicêncio que, a certa altura, foi tomado pelo desespero de vê-se

imerso em uma condição financeira limitada e humilhante, tornando-o incapaz de dar sustento a sua família, indignou-se de tal modo que, atentou contra a vida de sua esposa, em seguida, ao tentar retirar-se desse mundo, pondo fim a própria vida, é impedido subitamente pelo pai de Ponciá. Isso gerou uma mutilação em seu braço, característica essa, que destaca o personagem, em especial à sua neta. Pois ela reproduziu durante toda a sua vida a forma de andar pertence ao avô.

Para além do chavão físico refletido do avô, Ponciá manifestou também a mesma insanidade dele, como transcrito a seguir.

[...] A velha pousou a mão sobre a cabeça de Ponciá Vicêncio dizendo-lhe, que, embora ela não tivesse encontrado a mãe e nem o irmão, ela não estava sozinha. Que fizesse o que o coração pedisse. E ou ficar! Só ela mesma é quem sabia, mas, para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mas cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cumpriria. Ponciá nada indagou. Nada respondeu. Pediu benção a Nêgua Kainda e se dispôs a continuar a vida.

Ponciá Vicêncio sentada no cantinho perto da janela, em seu matutar, acabou esquecendo o grande propósito, com o qual levantara naquela manhã. Tinha decidido firmemente deixar o pensar de lado e ir à luta, dar um jeito na vida. Mas nem se deu conta, nem percebeu o momento exato em que se assentou ali, antes mesmo do primeiro gole de café, e começou a buscar na memória as coisas, os fatos idos. Lembrou-se da fala de Nêgua Kainda, quando esperançosa, tinha voltado ao povoado em busca da família. Nêgua lhe havia tido que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança, que Vô Vicêncio tinha deixado para ela, seria recebida. Ponciá ouvia esta conversa desde pequena. Que legado do avô seria pertença dela? (EVARISTO, 2017, p. 52 e 53).

Concebida de uma simetria orgânica, o legado da loucura conhecido por Vô Vicêncio alcançou exitosamente aos dias de vida adulta de Ponciá, provocando o declínio da sua esperança e sonhos. Mesmo sendo doloroso afirmar que, o itinerário da personagem esteve durante todo o tempo definido não importando os entretãos que suas escolhas atingissem.

As distintas conjunturas de limitações sociais e econômicas são capazes de perfazer uma conduta extrema manifestar-se a ponto de gerar reflexos quase que hereditários para seus descendentes.

Trazendo a marca da responsabilidade do sustento familiar à figura patriarcal, nos dias atuais, podemos identificar, em sua maioria a inversão de tal responsabilidade, colocando a carga da mulher a obrigação de prover sustento aos filhos e de conduzir a criação, formação e educação dos seus descendentes. Condição esta, marcadamente, pertencente as mães negras, solos e habitantes de comunidades.

Não raro, observa-se na mídia, matérias chamando a atenção para feitos de sucesso, seja no esporte, seja na ciência, onde apresentado como algo quase que sobrenatural a imprensa destaca, negra (o) filho de lavadeira, doméstica, cobradora de ônibus e mais uma infinidade e, por ai vai, filha de mãe solo é campeã de esporte X, ou conseguiu conquista Y, colocando mais uma vez a condição de desigualdade como natural e gerando um certo heroísmo para abafar e até minimizar essa barreira imposta desde sempre.

Uma realidade que se perpetua por ser colocada de maneira romantizada por interesses sociais e midiáticos a fim de manterem em seu “devido lugar” o negro fracassado, subserviente e ignorante.

A vida sofrida da personagem é resultado do regime escravista que seus antepassados vivenciaram, sem direito à terra, educação e liberdade. Eram tratados como meros executores de mão de obra braçal e barata. Em dado momento do texto, seu pai fora testado por um filho de um coronel para quem trabalhava com relação a capacidade intelectual dele enquanto escravo, logo que percebeu que seu vassalo aprendia, preocupou-se o patrão, o que estes poderiam fazer de posse do conhecimento dos brancos.

Tal ideia se propaga até hoje, pois o conhecimento arranca o ser das raízes profundas da ignorância que o limita a galgar novos patamares, ou seja, quando se tem conhecimento, a condição econômica é modificada assim como o comportamento diante da vida. Não se contenta apenas com meias explicações e exploração disfarçada de oportunidades, tornando o indivíduo de cor negra uma afronta e uma ameaça ao sistema e a superioridade branca.

Ao passar do tempo, Ponciá verificava que sua realidade não mudava então, começou a alimentar a ideia de mudar-se para a cidade entretanto não possuía recursos intelectuais suficientes para viver na cidade grande, se encheu de esperança ao chegarem seminaristas que ajudaram na alfabetização dos moradores da aldeia, com isso abre-se uma possibilidade real de mudar para a cidade e depois voltar para buscar o seu irmão e a sua mãe já com uma condição de vida melhor, estabilizada se encheu de sonhos e foi pegar o trem que passava a cada mês.

Com a bagagem cheia de simplicidade e pouquíssimos pertences, mas repleta de esperança e uma boa dose de fé, seguiu ela rumo a nova porta que forçadamente se propôs a abrir, sozinha e com forças que se esvaíam, não tardaria. Rompeu temporariamente com seus familiares para manter o foco de

conseguir concretizar seu plano de ser senhora respeitada e de valor na cidade e nunca mais ter que viver a sombra dos senhores donos de terras.

A sociedade como criadora de um perfil a ser seguido e um padrão rigoroso do que deve ser aceito e respeitado, alocando espaços determinados para a população, para negros e pobres espaços específicos e para brancos burgueses. Assim, também possibilita que os indivíduos construam e busquem outras possibilidades de viver melhor, fato também possibilitado pela rejeição dos seres humanos de viver em condições indignas.

Araújo (2007, p. 42), assim afirma acerca da obra:

Ao publicar *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo se alia ao veio da literatura afro-brasileira iniciado com a publicação de *Úrsula*, em 1859. Ao contar, sob a perspectiva da narradora-protagonista Ponciá Vicêncio, a trajetória dos afro-brasileiros, ex-escravos e de seus descendentes, que, como a própria Ponciá, saem em busca de seus familiares, de sua cultura, de sua identidade – uma trajetória marcada por um círculo de perdas, lacunas e vazios – a escritora reinaugura uma narrativa que se contrapõe ao idealismo romântico e ao abolicionismo branco do século 19, [...].

Com isso toda tessitura do romance nos mostra que todas essas dificuldades enfrentadas, especialmente por Ponciá, deve-se ao falso abolicionismo que se restringiu apenas a documentos por questões particulares da Coroa Portuguesa. Deixando largas lacunas de funções destinadas a população negra sendo elas: babá, lavadeira, cozinheira, passadeira, que com a libertação ficaria a cargo de quem fazer tais tarefas?

Resolver o problema da escravidão nunca foi e nem é de fato interesse da elite. É fácil confirmar essa realidade dando uma sutil olhada a sociedade que estamos inseridos, na qual as figuras de poder são em grande parte, homens e brancos. Porém, quando uma negra ou negro chega a um lugar de destaque, este é representado alegoricamente pela mídia que notícia como algo inatingível.

Ainda correlacionando o enredo com o cotidiano de muitas mulheres brasileiras, tem-se na figura da negra Ponciá, um misto de expectativa e medo dessa realidade nunca mudar de fato, e mesmo com uma maior possibilidade de acesso através de cursos de nível superior que proporcionem formação as mulheres

No entanto, é relevante destacar que discutir a identidade do sujeito é fruto da memória que guarda vivências, estas, por sua vez, tecerão por meio de representações aplicadas no meio social de cima para baixo com a resistência ou aceitação de cada sujeito ou comunidade cria de si mesmo. (CHATIER, 1991)

A representação compreende tanto as práticas de significação quanto os sistemas simbólicos que, por sua vez, dão suporte para que os significados sejam efetivados e, posteriormente, dispendo-os como sujeito. Então, isso significa dizer que, a partir de tais significados é que podemos vivenciar, de fato, a experiência àquilo que somos (WOODWARD, 2007).

Diante disso, Woodward (2000, p. 9) afirma que “a identidade é marcada pela diferença”, pois os significados são relativos, isto é, ao passo que se pode ser alguém em determinado espaço e ou situação, em outro espaço esse alguém se torna outro, assim como nos papéis sociais (WOODWARD, 2007, p. 30).

Desse modo, a representação passa a ser compreendida como um processo cultural, estabelecendo identidades individuais e coletivas. Para Woodward (2007, p. 17), os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares por meio dos quais os sujeitos se posicionam e através dos quais podem falar, indicando que: “Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o novo homem e nas décadas 1980 e 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso”. Assim Woodward (2007), o deslocamento para a identidade é um deslocamento de ênfase, com as mudanças dos focos da representação para as identidades.

Já Ciampa (1987) crê que a produção de identidade acontece pelas transformações ocorridas pelo e no ambiente no qual o sujeito está imerso, desatacando as condições vida e sociais no qual o indivíduo se encontra.

[...] identidade é identidade de pensar e ser (...). O conteúdo que surgirá dessa metamorfose deve subordinar-se ao interesse da razão e decorrer da interpretação que façamos do que merece ser vivido. Isso é busca de significado, é invenção de sentido. É autoprodução do homem. É vida. (CIAMPA, 1987 p. 241-242).

Além disso, ele corrobora com Woodward (2007) afirmando que tal construção se dar pelo processo simultâneo material, cultural e social.

Ainda nesse raciocínio, a análise de Silva (2000) diz que a diferença é um produto derivado da identidade. A identidade é o ponto original, definindo-se pela diferença. “Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos” (SILVA, 2000, p. 76). A identidade e a diferença são resultantes do processo de produção simbólica e discursiva.

Conforme afirma Silva (2000), a identidade, assim como a diferença, é uma relação social. Isso significa que a sua definição está sujeita a vetores de força, as relações de poder e são simplesmente impostas. Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder.

Isso fica evidente quando lançamos o olhar a Ponciá fazendo o regresso a sua terra, onde ela encontrará aquele espaço (em especial, a sua casa), na qual vivera desde de criança, modificado e, parece que a cidade grande a encheu de um vazio que agora encontrara em sua casa também, isso fez com ela procurasse imediatamente sua identidade e assim reviver momentos de outrora.

[...] Na noite em que aconteceu o regresso, Ponciá Vicêncio não dormiu. Viveu o tempo em que era tomada pela ausência e quando retornou a si, ficou apenas deitada escutando. Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu o cheiro de café fresco e de broa de fubá feitos pela mãe. Escutou o barulho do irmão [...] Escutou as toadas que o pai cantava. [...] e o que profundamente escutou foram os choros-risos do homem-barro que ele havia feito um dia. (EVARISTO, 2017, p. 49).

Percebe-se então, que essas memórias trouxeram um alívio, pois sua identidade foi regatada. Além disso, se sentia segura, pois revivendo tempos, mesmos que difíceis, aconchegantes por estar entre os seus, tanto no que diz respeito ao povo quando a sua família. Pois lá fora, na cidade grande, tudo era tão assombroso, limitado e as melhores oportunidades lhe eram negadas devido a sua origem.

Na atualidade, a escravidão e a liberdade são concepções inconfundíveis para se considerar uma avaliação da desigualdade humana. Enquanto que a primeira, mostra-se como uma desigualdade social, levando a negação de liberdade, que tolhe os sujeitos negros a viverem com o direito a dignidade como o de ser dono de si, ficando sempre sob o poder dos que se acham mais "abençoados", onde fica evidente a força das construções históricas. Barros (2009, p. 29-30). A desigualdade social é produzida a partir das diferenças entre os seres humanos como sexo ou faixas etárias, e das diferenças culturais, mas tais diferenças não pode ser uma justificativa para essa desigualdade.

As desigualdades, em contraste com as diferenças, não podem ser evitadas por meio da ação humana, é sempre circunstancial por estar localizada social e historicamente em um processo, situado dentro de um determinado espaço de reflexão e de interpretação. E nesse contexto Barros (2009) refuta que ser negro

na atualidade possui uma diferença marcante nas sociedades modernas. Entre os séculos XVI e XIX, os “negros” não se percebiam na África como “negros”. “Negro” foi uma construção “branca”, porquanto os povos africanos se viam como pertencentes a grupos étnicos diferenciados e hostis (BARROS, 2009).

A sociedade afrodescendente experienciou uma trajetória de exclusão desde a chegada ao Brasil, vivenciando injustiças que não têm sido sanadas até na os dias atuais. A abolição da escravatura não lhes deu nenhuma condição de sobrevivência como cidadãos de fato.

A assinatura da Lei Áurea ao passo que libertou, penalizou também os escravos que, posteriormente, podiam ser considerados livres, pois a eles foram negadas as chances de uma vida digna, uma vez que, foram destinados a eles trabalhos mal remunerados e pouca ou nenhuma oportunidade de acessão social (STRINGHINI, 2011). Isso proporcionou com que os que estavam no poder permanecem lá o que ainda é visível na atualidade, que será mudada de forma significativa em um espaço curto de tempo.

[...] Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? [...] O homem não encarou o menino. Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre. (EVARISTO, 2017, p. 14-15).

Ainda que seja doloroso afirmar a realidade do povo negro, dificilmente será mudada em um espaço curto de tempo. Dessa forma, justifica-se a continuidade e o fortalecimento das lutas negras por uma voz que se faça ouvir e seja efetivada como elemento de transformação na vida da população afrodescendente, ainda que, de todas as formas tente ser silenciada, depende do desvelo da coletividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo, permitiu um outro olhar da Personagem Ponciá Vicêncio, obra de Conceição Evaristo, onde foram destacados no romance os seguintes constituintes: representação e identidade, aqui, em especial, da mulher negra. Conceição, grande intelectual negra, passou por dificuldades, mas encontrou na educação a possibilidade de ser ouvida e fazer-se pertencer a sociedade tão cheia de preconceitos e estigmas quando se refere a sua cor e ao seu gênero. Para tal, viu na arte de escrever, o caminho de expressar todo o seu descontentamento que seu povo enfrenta, ao mesmo tempo que, contribui para abrir espaço para que a literatura afro-brasileira seja valorizada e reconhecida como um instrumento capaz de transformar realidade.

Ao contrário da literatura feita por não negros que diz retratar a vida dos negros, a literatura afro-brasileira segundo a autora dar voz ao negro(a), pois as histórias são contadas da perspectiva de quem vive e conhece, de fato a realidade, com isso, o leitor pode perceber exatamente e, por vezes, sentir o que as personagens passaram e também se reconhecer, julgando a situação pelo próprio contexto de vida .

Ainda no que diz respeito a dar voz, Evaristo, cunhou o termo escrevivência para escrever suas obras, e nessa perspectiva, ela nos apresenta essa terminologia que significa a conquista das mulheres negras em poder expressar suas histórias por meio das letras e possibilitar aumento um acervo verídico no quesito de pertencimento histórico.

Destacou-se aqui também o curso de vida de algumas mulheres negras na história, algumas lograram êxito a partir de muitas dificuldades, outras, mesmo com êxito, não deixaram de sofrer os revezes que a melanina carrega. Assim como essas mulheres, Ponciá cultivou por muitos anos o desejo de uma vida melhor, de respeito e valorização como ser humano e mulher, e para isso, deixou seu ambiente para tentar sucesso em um ambiente que, se mostrou hostil, assim que o adentrou e, mesmo com muita luta, não conseguiu o que desejava.

Como foi possível observar, a obra aqui trabalhada, existe forte presença de representatividade e identidade (tolhida pelo discurso civilizador) que a personagem carrega, o que foi a mola propulsora para se fazer um paralelo com a mulher negra brasileira e refletir sobre as lutas travadas cotidianamente, assim com

a urgência de transformação da realidade de estarem sempre passos atrás tanto da mulher branca quanto dos homens, sejam brancos ou negros.

Considerando a análise aqui realizada fica evidente a mescla entre a vida de Ponciá, Conceição e de milhares e milhares de mulheres negras no nosso país. As questões abordadas não ficaram apenas no passado, elas são cultivadas pelos que detêm o poder, principalmente o político, que é o que deveria abrir caminhos e contribuir para sanar tais questões.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isabela. A solidão tem cor: o sofrimento das mulheres negras no Brasil. **Observatório do terceiro setor**, 2018. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/a-solidao-tem-cor-o-sofrimento-das-mulheres-negras-no-brasil/>. Acesso em: 23 de dez de 2021.

ALVES, Jéssica. Há 100 anos, o Harlem Renaissance colocava a produção artística negra em seu lugar de destaque. 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/cultura/ha-100-anos-o-harlem-renaissance-colocava-a-producao-artistica-negra-em-seu-lugar-de-destaque>. Acesso em: 24 nov. 2021.

ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face**: a mulher negra em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba/CCHLA, João Pessoa, 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/posletr/Teses2007/Flavia.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2021.

BARROS, José D'Assunção. **A construção social da cor**: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis: Vozes, 2009.

BATISTA, Waleska Miguel. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 2581-2589, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e base da Educação Nacional – LDB. Centro de documentação do Congresso Nacional. Brasília, DF, 1996.

_____. Lei n.º10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394/96, de 20 de novembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências.

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2013. Disponível em: <https://rizoma.milharal.org/files/2013/05/Enegrecer-o-feminismo.pdf> Acesso em: 30 de nov. 2021.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1987.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, n. 5, v. 11, p. 73-191, abr. 1991.

CIPRO NETO, Pasquale. **Dicionário da Língua Portuguesa comentado pelo Professor Pasquale**. Barueri, SP: Gold Editora, 2009.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 23 jan. 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 31, n. 1, p. 11-23, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 22-29.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: FONSECA, Maria Nazareth, FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna (Org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Mazza Edições. 2002. P. 191 – 220

FRANÇA, Dalila Xavier de. Discriminação de crianças negras na escola. **Interacções**, n. 45, p. 151-171, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e Educação: Resignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

GONZALEZ, Lélia; HASEMBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher; Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Retrato das desigualdades - gênero e raça. 2007.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

KONZEN, Patrícia. **Considerações históricas sobre a relação da mulher com o trabalho e seus desdobramentos fálicos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, Santa Rosa, 2018.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MATTOS, Ivanilde Guedes. **A negação do corpo negro**: representações sobre o Corpo no ensino da educação física. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2007.

MOLYNEUX, Maxine. **Movimientos de mujeres en América Latina**: un estudio teórico comparado. Madrid: Catedra, 2003.

MORICONI, Italo (Org.). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. Tradução P. A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

NUNES, Daise. Entrevista. **Folha de São Paulo** - UOL Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/de-faixa-a-coroa/2019/10/mostrei-ao-nosso-pais-que-os-negros-tambem-sao-belos-diz-primeira-miss-brasil-negra.shtml>. Acesso em 21 de setembro de 2021.

PEREIRA, E. de A.. Panorama da literatura afro-brasileira. **Callaloo**, v. 18, n. 4, p. 1.035-1.036, nov., 1995.

PEREIRA, Ana Caroline de Oliveira; ELIAS, Marcelo Alberto. A invisibilidade da mulher negra na Ciência: uma análise a partir de livros didáticos de Ciências e Biologia. **Revista Educar Mais**, v. 5, n. 3, p. 491-499, 2021.

PORTAL GELEDÉS. **Conceição Evaristo**: Uma escritora popular brasileira. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-uma-escritora-popular-brasileira/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

RODRIGUES, Day. Texto produzido a partir do debate de lançamento do filme “Uma Geografia das Desigualdades”. In: **O olhar das mulheres negras sobre as desigualdades nas cidades**. Oxfam Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/o-olhar-das-mulheres-negras-sobre-as-desigualdades-nas-cidades/>. Acesso em: 17 set. 2021.

SANTOS, Minnie. Conheça Aqualtune avó de Zumbi dos Palmares. 2016.

SILVA, Flavia Aparecida da. Quilombo da caçandoca: identidade e resistência. **Ágora: Revista Eletrônica**, v. 4, n. 8, p. 94, jun. 2009.

SILVA, Débora Maria. Mães de Maio: a reação contra a violência do Estado Entrevista concedida a Gisele Brito. **Brasil de fato** - São Paulo- Maio de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/05/13/surgido-da-dor-maes-de-maio-se-tornam-referencia-no-combate-a-violencia-do-estado/>. Acesso em 24 de setembro de 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Júlio Cláudio da. **Relações raciais e memória**: a trajetória de Ruth de Souza entre o Teatro Experimental do Negro e o Karamuru House (1945- 1952). Tese de (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2011.

STRINGHINI, Viviane Catarina Marconato. **A problematização do conceito de lar no contexto da diáspora africana em coming home de June Henfrey**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade regional integrada do alto Uruguai e das missões, Frederico Westphalen, 2011.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: r, Tomaz T. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 7-72